

LITERATURA E LINGUÍSTICA Outros campos, outros saberes¹

João Wanderley Geraldi²

RESUMO: A linguagem, concebida como uma atividade constitutiva de si mesma e das consciências dos sujeitos falantes, de natureza material sógnica, acomoda-se a diferentes trabalhos dos sujeitos dentro das condições sociais mais amplas em que estes operam. Assim, poderíamos distinguir dois pontos no continuum da atividade linguística: aquele do trabalho que pretende construir referências explícitas ainda que utilizando um medium em si relativamente indeterminado (as línguas em seu sentido sociológico), de que nosso melhor exemplo seria o discurso científico; do outro lado deste fio contínuo, outro trabalho se faz: o trabalho estético que tomando o mesmo medium busca construir por seleção e composição, e apesar das seleções e composições, um objeto aberto às compreensões: a obra de arte verbal. A natureza do material é a mesma (e por isso não se precisa apelar para uma suposta “linguagem literária”), mas o trabalho e suas intenções são distintos. Partilhando o mesmo ponto de partida, a mesma materialidade – a palavra – e fundando-se cada uma das enunciações (estética ou científica, cotidiana ou solene) na avaliação social (do contexto e dos recursos expressivos mobilizáveis), linguística e estudos literários têm pontos de contato e pontos de distanciamento. Um estudo linguístico de uma obra literária poderá fornecer inúmeras descobertas ao linguista, mas dirá muito pouco sobre o objeto estético que toma como “monumento” para sua análise, como mostram as críticas ao “formalismo” (cf. Volochínov, Medvedev). Um estudo dos recursos estilísticos mobilizados num discurso científico pouco dirá sobre a teoria e a metodologia que o fundam. Por isso as categorias analíticas são distintas. As metodologias são distintas. No entanto, ao produzirem saberes diferentes, nem uma nem outra podem esquecer que são as relações sociais que precisam ser compreendidas: como elas se entrelaçam em cada uma destas enunciações e nelas se marcam. Por isso, neste terreno comum, os dois campos se reencontram com as ciências sociais, com a sociologia, com a antropologia, com a política e com a economia. Cada vez mais é necessário encerrar este divórcio, depois de quase um século de tentativas de se fazer uma ciência matemática da linguagem e da literatura, objetivo que atraiu tantos pesquisadores dos dois campos.

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que aconteceu no ambiente francês do estruturalismo, ou no ambiente russo do formalismo, e na Europa de um modo geral, em que as referências

¹ Conferência proferida no XI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e II Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano, UNIOESTE, Cascavel, em 27.10.2013

² Professor Titular aposentado do Departamento de Linguística, UNICAMP. jwgeraldi@yahoo.com.br

tanto da Linguística quanto dos estudos em Teoria da Literatura eram as mesmas (Todorov, Jakobson, Barthes, Kristeva, só para ficar em alguns nomes), no Brasil a Linguística foi recebida no campo dos letrados como uma intrusa, tanto que em nossa maior universidade, a Universidade de São Paulo (USP), a cadeira de linguística pertenceu inicialmente ao Departamento de Estudos Orientais. Também o surgimento do Departamento de Linguística na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) respondia ao projeto cientificista e tecnológico desta universidade, criada para se contrapor à “esquerdizante” e “humanista” USP, tanto que se discutiu nas instâncias universitárias sua localização no Instituto de Matemática e Computação, e o primeiro nome do Departamento era para ser “Linguística Matemática”, como o comprovam reportagens jornalísticas da época.

Esta história de introdução da Linguística nas grandes universidades brasileiras, que remonta aos anos 1960-1970, fez com que houvesse uma ruptura desnecessária entre os estudos linguísticos e os estudos literários.

Na verdade, toda a linguística produzida no século XX, particularmente entre nós, se associou ao mito de sua cientificidade moderna. Ginzburg chega a afirmar que a Linguística foi a única que ultrapassou o dilema galileano, tornando-se uma ciência moderna, caracteristicamente dedutiva, como deveria ser toda ciência:

A orientação quantitativa e antiantropocêntrica das ciências da natureza a partir de Galileu colocou as ciências humanas num desagradável dilema: ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância. Só a linguística conseguiu, no decorrer deste século, subtrair-se a esse dilema, por isso pondo-se como modelo, mais ou menos atingido, também para as outras disciplinas. (GINZBURG, 1989, p. 178)

Enquanto a Linguística conseguia transitar das “humanidades” para o ambiente fechado das ciências duras, nossas demais disciplinas no campo das Letras permaneciam “pré-científicas”, tanto que nem nominalmente conseguiram passar de Teoria da Literatura, Crítica Literária, História da Literatura...

PARA ALÉM DOS LIMITES DA FRASE

No entanto, é preciso salientar: a que resultados relevantes chegou a Linguística ao se afirmar como ciência moderna? O preço pago foi deixar para as calendas gregas as questões do significado, que implicam ultrapassar os limites das ordenações sintáticas. Assim que estas começam a serem incluídas nos projetos de pesquisa, inicia-se um processo de enfraquecimento do modelo estruturalista de estudo da língua, cujo percurso deixou à filosofia e aos estudos da comunicação a questão da linguagem, suas origens, suas funções, sua história e suas formas de funcionamento social. Ocupada com a descrição das línguas, tomadas como sistemas fechados em si mesmos, a Linguística somente veio a ter renovado contato com os estudos humanistas da linguagem quando as ciências sociais lhe demandaram um método seguro de compreensão e interpretação de textos que fosse distante daqueles produzidos ao longo de séculos pela filologia. Esta demanda veio a produzir uma nova disciplina nos estudos linguísticos: a Análise de Discurso, que tomou no ambiente francês, de início, uma característica de “maquinaria” capaz de produzir uma compreensão segura de qualquer discurso, desde que considerados as condições de produção e as formações discursivas e ideológicas que dão sustentação a todo e qualquer discurso. Tratava-se de buscar no dito os já-ditos de suas afiliações, desbastando os discursos de suas superficialidades textuais.

Obviamente este projeto foi abandonado, dada a impossibilidade de levar em conta a totalidade das condições de produção, porque para além daquelas verificáveis no contexto mais próximo, seria necessário, a cada análise, manusear uma extensa e não dominada enciclopédia da linguagem e da história, numa remessa de um elemento ao outro numa redução ao infinito. Desde então as certezas da cientificidade galileana nos estudos linguísticos deixam de existir.

Desconheço a existência de uma história da Linguística que tenha enveredado pelos seus ‘fracassos’, pelos seus desvãos que levaram a outros modelos analíticos e a outros fenômenos sem visitar aqueles que o modelo anterior teria ‘explicado’. Estamos hoje muito longe de estabelecer leis de descoberta, ao estilo da lei da comutação em fonologia. Ao contrário, cada vez mais que adentramos para objetos mais complexos e menos formais – significado, texto, discurso – passamos a produzir categorias analíticas que servem para o estudo dos fenômenos linguísticos produzidos mas não para explicar sua produção: ambiguidade, pressuposição, implicação, coesão, coerência,

informatividade, para citar algumas destas categorias, servem para a análise de produtos e não para compreender sua produção.

Há uma história a ser escrita. Fiquemos apenas em dois exemplos: o primeiro, na área chamada “dura” da linguística, a sintaxe: as mudanças constantes dos modelos de análise do que inicialmente se chamou de “gramática gerativa transformacional” que já não é mais nem gerativa nem transformacional; o segundo na chamada área fluida dos estudos linguísticos - as mudanças dos modelos de análise do discurso e suas insuficiências³.

Talvez seja cada vez mais consciente nossa compreensão de que na ciência moderna

[...] seu rigor aumenta na proporção directa da arbitrariedade com que espartilha o real. Sendo um conhecimento disciplinar, tende a ser um conhecimento disciplinado, isto é, segrega uma organização do saber orientada para policiar as fronteiras entre as disciplinas e reprimir os que a quiserem transpor. (SANTOS, 2002, p.46)

REAPROXIMAÇÕES

Evidentemente, os gargalos de uma disciplina são seus pontos de inflexão, mas isto não quer dizer que o percurso anterior não tenha trazido maiores compreensões dos fenômenos sobre que nos debruçamos. Há resultados positivos a registrar, mas não se pode imaginar que os novos modelos de análise sucessivamente irão dando conta dos resíduos deixados de lado no passado, de modo que no horizonte futuro se deslumbre um momento em que a totalidade será conhecida. Este mito e esta promessa da ciência moderna já foram suficientemente apontados e abandonados, pois a ciência também tem sua história, pois:

A ciência não brotou de um homem, nem foi o produto da concepção imaculada de um método abstrato e universal, senão uma criação híbrida, plural e multifacética, engendrada por uma comunidade na qual conviveram e se fertilizaram mutuamente religiosos e magos, artesãos e filósofos, engenheiros e comerciantes, matemáticos e experimentadores, aristotélicos e neoplatônicos, místicos e

³ Pêcheux, por exemplo, ao distinguir os objetos das disciplinas da área, toma como questão da AD os *processos discursivos*, e neles destaca a *autonomia relativa do sistema linguístico – fonologia, morfologia, sintaxe* – que seriam objetos específicos da Linguística. Neste momento acaba por colocar para fora da Linguística a própria Análise de Discurso que fundou.

racionalistas, numa verdadeira orgia de pensamento-ação-percepção-criação. (NAJMANOVICH, 2003, p. 49)

Mesmo nas chamadas ciências da natureza ou ciências duras. Einstein com a teoria da relatividade; Heisenberg e Bohr com a teoria do sujeito instrumentado e Elya Prigogine com a teoria das estruturas dissipativas introduziram na física e na química a indeterminação e o acaso, de modo que já não temos mais o mesmo projeto científico com que inauguramos a modernidade. Em consequência, chegamos assim a uma:

[...] nova concepção da matéria e da natureza [...] dificilmente compaginável com a que herdamos da física clássica. Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpenetração, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente. (SANTOS, 2002, p. 28)

Depois de um século de tentativas, avanços e recuos, com as aproximações e namoros com as ciências lógico-matemáticas, os estudos linguísticos reaproximam-se das ciências humanas porque:

A interpretação das estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinitude dos sentidos simbólicos, razão por que não pode vir a ser científica na acepção de índole científica das ciências exatas.

A interpretação dos sentidos não pode ser científica, mas é profundamente cognitiva. Pode servir diretamente à prática vinculada às coisas.

‘Cumpro reconhecer a simbologia não como forma não científica mas como forma *heterocientífica* do saber, dotada de suas próprias leis e critérios internos de exatidão’. (Aviérintsiev). (BAKHTIN, 2003, p. 299)

As pesquisas nas fronteiras entre a linguística e outras disciplinas (Psicolinguística, Sociolinguística, Neurolinguística, Análise do Discurso) estão nos mostrando o esgotamento do modelo estruturalista. Não é por acaso que um novo campo vem se conformando entre nós nos últimos anos – os estudos bakhtinianos – em que os limites entre sociologia da linguagem, linguística, filosofia e literatura praticamente desaparecem. Esta forte presença das obras do Círculo de Bakhtin em nossos estudos nos reaproximam dos campos de que havíamos nos afastado, particularmente dos estudos literários.

Surpreendentemente, para “captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta”, os estudos pós-modernos vão encontrar no “texto sobre que se debruçou a filologia uma de suas analogias matriciais” porque interessam agora as condições de possibilidade da ação humana num espaço-tempo (cronotopo) local e determinado. Por isso já não há uma metodologia única, por isso o caleidoscópio nos inspira: uma mudança de foco pode mudar por completo as compreensões de nossas realidades. Isto não se faz sem perigos, e há que ser prudente e buscar a sabedoria – tão afastada das pesquisas neutras e descritivistas. A sabedoria, como disse Walter Benjamin (1994), é o lado épico da verdade, porque de nada adianta a verdade sem um sentimento de verdade como frisa Edgar Morin (1997). Reemergem os estudos da estética, da ética, da epistemologia com os quais dialogamos atualmente sem preocupações tão acentuadas com o descritivismo que caracterizou os estudos linguísticos até bem pouco tempo.

O VERBAL E A GRAÇA VERBAL

Como o objeto de nossos estudos é o homem, um ser que fala, que responde, que não é silêncio, inescapavelmente todas as ciências humanas lidarão com a linguagem. Assim como não é possível uma sociologia que não considere a ideologia que perpassa as relações humanas, também um estudo dos textos literários não pode deixar de lado a questão da linguagem. “Ninguém pensa, obviamente, em opor-se à afirmação segundo a qual o estudo da arte *verbal* necessita do aporte de uma *ciência da palavra*, isto é, da linguística”. (VOLOCHÍNOV, 2013, p.215)

O trabalho com a linguagem, executado através dos processos discursivos, percorre um *continuum* de objetivos que vão desde a necessidade de construir uma compreensão comum e aproximadamente idêntica até a abertura máxima dos sentidos. Nos processos interativos trabalhamos, na relação com a alteridade, com recursos expressivos para compor ora textos extremamente referenciais, ora para compor textos ficcionais que construindo um mundo próprio nos fala do mundo que não é, que não existe, para nos fazer compreender com maior profundidade ou apanhar por outros ângulos o mundo que é. Entre o trabalho pragmático e referencial e o trabalho estético, uma gama de outros textos são possíveis. Todos eles – os textos - enquanto materializações de um discurso cuja materialidade se encontra nas relações sociais, operam com esta sistematização aberta que é a língua para apresentar em sua superfície as vinculações com as diferentes esferas das atividades humanas, situadas estas numa

organização social cujos fundamentos nos fornecem os estudos sociológicos. O discurso científico e o discurso didático são talvez os melhores exemplos das tentativas, dos tateios de uma referencialidade e sentidos únicos compartilhados entre os sujeitos sociais. O discurso poético, o discurso estético, espicaçando a linguagem e as línguas, venda e desvenda um mundo secreto, nem por isso menos concreto. Ao nos mostrar valores que conduzem nossas ações, fundados em princípios tão distantes que os perdemos de vista, espantam-nos e fazem rever o que comanda assim tão subrepticamente nossos fazeres e nossos dizeres.

Por isso, como diz o poeta:

Passarinho parou de cantar.
Essa é apenas uma informação.
Passarinho desapareceu de cantar.
Esse é um verso de J. G. Rosa.
Desapareceu de cantar é uma graça verbal.
Poesia é uma graça verbal.

(Manoel de Barros, Tributo a J. G. Rosa)

São as graças verbais do trabalho de seleção e composição estética que fazem o leitor estancar a linearidade do texto para rever, reolhar, entreolhar os diferentes *links* de sentidos postos em circulação e que tornam bem mais complexas as compreensões do aparentemente simples.

No conto *O Corcundinha*, de Roberto Arlt, a personagem-narradora “bancava o noivo” de uma das filhas, na casa da senhora X. E nela estrangula Rigoletto, um corcundinha que encontrara num bar e com o qual maquinara o plano para descobrir se efetivamente a “noiva” o amava: para prová-lo, esta deveria dar um beijo no insolente corcundinha Rigoletto. Como a noiva se recusou, Rigoletto faz um longo discurso em que defende insolentemente seu direito de ser beijado e a obrigação da moça em beijá-lo. O narrador o estrangula, não só por sua insolência. Na verdade, como já dissera antes:

Recordo (e isto a título de informação para os aficionados da teosofia e da metafísica) que desde a mais tenra infância os aleijados chamaram-me a atenção. Eu os odiava ao mesmo tempo que me atraíam, assim como abomino e me excita a profundidade aberta sob a sacada de um nono andar, de cujo parapeito já me aproximei mais de uma vez com o coração tremendo de cautela e delicioso pavor. (p. 17-18)

Tomemos uma graça verbal, quando o narrador nos fala do comportamento sardônico e feroz de Rigoletto: *Ele continuava observando uma conduta impura.*

Ao selecionar o item lexical “observando”, em lugar de outros possíveis como “tendo”, “mantendo” ou em lugar de “observando uma conduta” tivesse empregado “comportando-se” ou “conduzindo-se”, perderíamos esta graça verbal que nos faz recordar que nossas condutas são obediências a regras, cumprimentos do estabelecido sem que nos demos conta disso. Observamos uma conduta, isto é, seguimos a regra, mantemos o estatuído...

Obviamente a graça estética não se constroi apenas pela seleção dos itens lexicais, mas também pelas surpresas do enredo. Consideremos outro conto do mesmo autor argentino. Que seria de todo o diálogo entre Deolinda e Eugênio Karl, que se encontram numa tarde de domingo, quando a mulher convida o solitário Eugênio para um chá em sua casa, estando ausente Juan, o marido, se ambos tivessem simplesmente ido para a cama? Ir para a cama seria o previsível. Conversar sobre as angústias da solidão e do abandono que sentem as mulheres enquanto seus maridos trabalham e se ausentam por trás das páginas dos jornais sentados no sofá ao retorno a casa, é muito mais desvelador da saga humana, da expulsão das condições de possibilidade de uma vida feliz que construímos nos processos de organização social em que nascemos e em que vivemos sem pensar em sua alteração. O conto *Um tarde de domingo* constroi toda sua graça verbal precisamente negando as condutas previsíveis.

Costurando a linguagem com outra linhas, operando com a construção do fantástico, a escritora uruguaia Giselda Zani toma um enredo tão simples como a procura de outra morada – uma outra Passárgada, já que onde se está é sempre onde não se quer estar – no conto *La casa de la Calle del Socorro* nos faz acompanhar Cristina em sua surpresa de encontrar em lugar tão central uma vivenda com jardim e sala de estar onde os objetos parecem ter ali nascidos. Perdida em suas surpresas, decide alugar a casa e quer saber com quem lidar sobre os detalhes da transação. Antes mesmo de indicar sua direção, Cristina ouve o mordomo escandir sílaba a sílaba o nome de sua avó – *Doña Maria Cristina Deschamps de Lefaur*. Como ele sabia seu nome e de sua família? Que outros mundos há numa casa que já foi habitada? Que outros mundos conheceram seus habitantes de que o velho mordomo ainda é um representante? Ou melhor, de que mundo outro vem este mordomo?

Para finalizar, voltemos ao poeta brasileiro Manoel de Barros:

Mundo Pequeno

I.

O mundo meu é pequeno, Senhor.

Tem um rio e um pouco de árvores.

Nossa casa foi feita de costas para o rio.

*Nos fundos do quintal há um menino e suas latas
maravilhosas.*

Seu olho exagera o azul.

Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas

Com aves.

Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os

Besouros pensam que estão no incêndio.

Quando o rio está começando um peixe,

Ele me coisa

Ele me rã

Ele me árvore.

*De tarde um velho tocará sua flauta para inverter os
os ocasos.*

Aqui o poeta embaralha léxico e sintaxe. Faz estranhar e faz pensar no mundo material encorpado no pensamento humano, em que o olho exagera o azul, o rio me coisa e me rã e me árvore. Eu sou as coisas. As coisas são o que sou. Para isso, é preciso inverter os ocasos para que outro dia nasça, um dia poético, porque enfim:

[...] devemos compreender que estamos neste pequeno planeta, casa comum, perdidos no cosmos e que, efectivamente, temos uma missão que é civilizar as relações humanas na Terra. As religiões da salvação, as políticas da salvação diziam: sejam irmãos, porque seremos salvos. Creio que hoje seria necessário dizermos: sejamos irmãos porque estamos perdidos, perdidos num pequeno planeta dos arredores de um sol suburbano de uma galáxia periférica de um mundo privado de centro. Estamos aí, mas temos as plantas, os pássaros, as flores, temos a diversidade da vida, temos as possibilidades do espírito humano. Está aí, doravante, o nosso único fundamento e o nosso único recurso possível. (MORIN, 1997, p. 44).

REFERÊNCIAS

ARLT, Roberto. *As feras*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In. _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 393-410.

BARROS, Manoel. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. O livro das ignoranças. In. _____. *Poesias Completas*. São Paulo: Leya, 2010.

BEJAMIN, Walter. O narrador. In. *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas, Vol. I, São Paulo: Brasiliense, 1994.

GINZBURG, Carlo. *Mitos Emblemas Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

MORIN, Edgar. *Amor Poesia Sabedoria*. Lisboa: Instituto Piaget, sem data (original de 1997).

NAJMANOVICH, Denise. O feitiço do método. In: Regina Leite Garcia (org). *Método Métodos Contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 25-62.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 2002.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

ZANI, Giselda. *Dos relatos*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2000.